

OS FUNDAMENTOS IMAGINÁRIOS DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA: o “professor” Olavo de Carvalho

THE IMAGINARY FOUNDATIONS OF THE BRAZILIAN FAR RIGHT: the “professor” Olavo de Carvalho

LOS FUNDAMENTOS IMAGINARIOS DE LA EXTREMA DERECHA BRASILEÑA: el “profesor” Olavo de Carvalho

Rafael Magalhães Angrisano

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte - MG, Brasil

rafaelangrisano@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-4036-0495> 

Resumo: O estudo investigou imaginários da extrema direita brasileira em plataforma digital. Visamos identificar os imaginários sociodiscursivos que são mobilizados nessas textualidades digitais-televisuais. Utilizamos como fundamentação teórica e metodológica a noção de imaginários sociodiscursivos em conjunto com o debate filosófico e sociológico contemporâneo a respeito da temática. O recorte empírico foi uma videoaula do autointitulado filósofo, Olavo de Carvalho, reconhecido como o guru intelectual da extrema direita. Observamos nos discursos analisados os seguintes imaginários: 1 - Transgressão e revolta (Polarização – “nós contra eles”); 2 - Passado idealizado: tradição, religião e ordem como verdade (Pânico moral); 3- Conspirações e anticomunismo: medo do inimigo criminoso que se esconde; 4 - Narrativas midiáticas são só narrativas - pós-verdade. Percebemos que a dimensão patêmica discursiva é privilegiada em detrimento do logos; saberes de crença prevalecem diante dos saberes de conhecimento.

Palavras-chave: discurso; política; extrema direita.

Abstract: This study investigated the imaginaries of the Brazilian far right on a digital platform. We aimed to identify the socio-discursive imaginaries mobilized in these digital-television textualities. Our theoretical and methodological foundation was based on the notion of socio-discursive imaginaries, in conjunction with contemporary philosophical and sociological debate on the subject. The empirical sample was a video lecture by the self-proclaimed philosopher, Olavo de Carvalho, recognized as the intellectual guru of the far right. We observed the following imaginaries in the analyzed discourses: 1- Transgression and revolt (Polarization – “us against them”); 2- Idealized past: tradition, religion, and order as truth (Moral panic); 3- Conspiracies and anti-communism: fear of the criminal enemy in hiding; 4- Media narratives are just narratives – post-truth. We perceive that the pathetic discursive dimension is privileged to the detriment of logos; belief-based knowledge prevails over knowledge-based knowledge.

Keywords: discourse; politics; far right.

Resumen: Este estudio investigó los imaginarios de la extrema derecha brasileña en una plataforma digital. Nuestro objetivo fue identificar los imaginarios sociodiscursivos movilizados en estas textualidades televisivas digitales. Nuestra base teórica y metodológica se basó en la noción de imaginarios sociodiscursivos, en conjunción con el debate filosófico y sociológico contemporáneo sobre el tema. La muestra empírica fue una videoconferencia del autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, reconocido como el gurú intelectual de la extrema derecha. Observamos los siguientes imaginarios en los discursos analizados: 1 - Transgresión y rebelión (Polarización: “nosotros contra ellos”); 2 - Pasado idealizado: tradición, religión y orden como verdad (Pánico moral); 3 - Conspiraciones y anticomunismo: miedo al enemigo criminal oculto; 4 - Las narrativas mediáticas son solo narrativas: posverdad. Percibimos que se privilegia la dimensión discursiva patética en detrimento del logos; el conocimiento basado en creencias prevalece sobre el conocimiento basado en el conocimiento.

Palabras-clave: discurso; política; extrema derecha.

INTRODUÇÃO

A presente proposta de artigo teve como objetivo identificar certos imaginários discursivos presentes nos discursos midiáticos do que se convencionou chamar de extrema direita brasileira e seus modos de captação catártica das audiências, mais pela mobilização de crenças do que pelo seu viés argumentativo de conhecimento. Procuramos também mapear as “estratégias” discursivas que tentam legitimar percepções falaciosas e em alguma medida absurdas, tornando-as aparentemente no mesmo terreno da episteme. Como objeto empírico, escolhemos a figura intelectual mais proeminente desse espectro político no Brasil, Olavo de Carvalho.

Desde o início da última década, o mundo foi atravessado por uma virada política caracterizada pelo conservadorismo reacionário, possivelmente a maior ameaça desde a ascensão do nazifascismo, que não iremos conceituar de modo pormenorizado aqui, no século passado. Esse fenômeno é complexo e envolve uma série de variáveis. Uma delas é a legitimação de certo conjunto de imaginários irracionais que movimenta o reacionarismo e o retorno ao passado. Esse tipo de fenômeno não é inédito na história, com apoios que podem ser relativos ou irrestritos, haja vista o que ocorreu na Europa nas décadas de 1920 e 1930 do século passado ou mesmo com os movimentos Integralista e da Ditadura Militar no Brasil.

Em 2018, Jair Messias Bolsonaro, político com ideias que tocam movimentos fascistas e até então impensável como presidente do Brasil, foi eleito, confirmando em nosso país uma nova tendência internacional, com decisões silenciosas sendo tomadas em esferas públicas episódicas a partir de bolhas informacionais digitais¹, difíceis de serem

¹ Aqui, lembramos o início da força do ecossistema das redes, a poderosa influência da Cambridge Analytica, empresa norte-americana coordenada por Steve Bannon, responsável por criar mapas psicopolíticos dos cidadãos e decisiva nas eleições dos EUA em 2016. Nessa linha, Han (2022) argumenta que a dominação

mensuradas pelos métodos de pesquisa tradicionais. Essas esferas públicas em rede possuem credibilidade entre os seus membros, por se tratar de familiares ou amigos que compartilham os conteúdos entre si. Isabela Kalil, pesquisadora coordenadora do Observatório Extrema Direita, chama atenção para o fato de que “os segmentos mais ativos (da extrema direita) são os que se conectaram com o debate de liberdade de expressão, principalmente nas plataformas digitais”.²

O personagem que se aproveitou dessa conjectura e depois viria a ser reconhecido como guru intelectual desse movimento de extrema direita no Brasil se notabilizou interferindo politicamente no governo: Olavo de Carvalho. Seu método se baseia na criação de pânico social a partir de pautas morais, mesclando o caos cognitivo e a retórica do ódio.

Por esses motivos, consideramos relevante investigar o fenômeno da extrema direita no Brasil e escolhemos como objeto deste artigo o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, pelo fato do *youtuber* ser amplamente considerado pelos *media* durante sua carreira a abordagem mais influente e elaborada da extrema direita no Brasil.

Olavo de Carvalho era um escritor que se autointitulava filósofo, com formação conservadora e católica. Ganhou notoriedade nos *media* após a eleição do então presidente, Jair Messias Bolsonaro, e por influenciar na escolha de cargos de autoridade federal e em decisões da alta cúpula do poder Executivo. É estereotipado fora do seu eixo de apoiadores como uma figura alegórica e polêmica, divulgadora e promotora de ideais sem materialidade evidencial derivados de certa literatura conservadora norte-americana. Abaixo, um pouco da trajetória do personagem a partir de algumas citações, pela avaliação de Machado (2022):

[...] A trajetória de Olavo é um tanto peculiar. Uma breve passagem pelo PCB, em meados dos anos de 1960, o colocou em contato com as teorias e métodos de ação e organização dos partidos e agrupamentos de esquerda de então. Morou com Rui Falcão, ex-presidente do PT, e conviveu com José Dirceu dentre vários outros. Familiarizou-se, ainda que superficialmente, com ampla bibliografia de algum modo ligada ao marxismo. Nas décadas seguintes, abandonou o ativismo político, tornando-se líder e dirigente de agrupamentos que existiram à margem dos discursos e temas dominantes no debate público e acadêmico. Foi representante brasileiro do movimento exotérico multirreligioso dirigido mundialmente por Frithjof Schuon, inspirado

por meio de informações de algoritmos processados pela inteligência artificial determina as processualidades econômicas, sociais e políticas. Ao contrário do regime disciplinar de Foucault, a exploração não é dos corpos, mas dos dados. Para o autor, a própria posse dos meios de produção seria secundária diante dos dados de controle de comportamento e, dessa maneira, o capitalismo de informação tornaria obsoletas as técnicas disciplinares. “O imperativo da transparência faz com que as informações circulem livremente. Não são as pessoas que são realmente livres, mas as informações [...] as pessoas estão aprisionadas nas informações” (p.14).

² Disponível em: <https://apublica.org/2025/09/bolsonaro-ainda-e-insubstituivel-diz-antropologa-isabela-kalil/>
Acesso em: 9 dez. 2025.

no francês René Guénon. Atuou com astrologia, menos como astrólogo prático, e mais como estudioso, professor, divulgador e polemista sobre o tema. Coordenou cursos e estudos de religiões comparadas, de viés místico e metafísico. Em paralelo, atuava como jornalista escrevendo artigos sobre cultura, artes, religião em jornais e revistas como o caderno *Folhetim* do jornal Folha de S. Paulo, dentre muitos outros.³

O francês René Guénon, citado na passagem acima, é apontado por Mark Sedgwick como o grande expoente do “Tradicionalismo” no qual Olavo de Carvalho teria se formado. “Esse livro é a história das diversas tentativas, ao longo do restante do século XX, de colocar o projeto de Guénon em execução, de formar a sua elite e de restaurar a ‘civilização tradicional’ no Ocidente” (Sedgwick, 2020, p. 65). Para esse autor, o Tradicionalismo de Guénon tem como principal base filosófica o resgate de uma tradição espiritual perdida que seria recuperada com a dissolução do mundo moderno.

Para Machado, em 1990, Olavo de Carvalho teve terreno fértil para investir em suas ideias, seguindo alguns exemplos de norte-americanos dos anos 70 que associaram o pensamento liberal extremo de Mises e o discurso conservador de base moral e religiosa, adaptando essas ideias ao Brasil. Para Machado, Carvalho passou a ver qualquer intervenção estatal como “comunismo” e a morte do conservadorismo a uma “batalha cultural invisível” de marxistas supostamente infiltrados nas universidades, mídia e escolas básicas, guiados pelas ideias de Antonio Gramsci. A doutrinação marxista ou o “marxismo cultural” estaria supervisionada pelo Foro de São Paulo e teria como objetivo destruir a cultura ocidental de base judaico-cristã. Em suma, ele resgatou o velho conservadorismo norte-americano e o reciclou com roupagem liberal. Suas ideias podem ser resumidas na seguinte passagem:

[...] a hegemonia cultural da esquerda na imprensa e nas universidades; a ameaça comunista vinda de todos os *fronts*, até mesmo dos Estados Unidos com Obama e afins; o domínio continental exercido pelo *Foro de São Paulo*; um ensino básico formador de militantes através de Paulo Freire; a vida privada de cada um sendo controlada por globalistas “comunistas” por meio da imprensa, do Estado e de institutos oficiais de pesquisa dentre muitas outras afirmações análogas. Todas essas formulações e outras tantas foram disseminadas no Brasil por meio de Olavo de Carvalho.⁴

³ Disponível em: <https://www.pstu.org.br/quem-foi-olavo-de-carvalho-e-as-raizes-de-sua-influencia/>. Acesso em 05 nov. 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.pstu.org.br/quem-foi-olavo-de-carvalho-e-as-raizes-de-sua-influencia/>. Acesso em 05 nov. 2025.

Importante destacar o papel das religiões na formação do pensamento conservador e como o pensamento de Carvalho foi beneficiado nesse cenário. Em 1987, Delcio Monteiro publicou o livro “Os Demônios que vêm do norte”, denunciando religiões e vertentes norte-americanas que se estabeleceram no Brasil como grande propaganda anticomunista. Para o autor, as religiões, sobretudo as pentecostais, cumpriram importante papel na Guerra Fria, disseminando o conservadorismo e criando o marxismo como inimigo. A meta era barrar movimentos como a Teologia da Libertação. O livro parece bastante atual, pois a base religiosa para criar um inimigo parece fundamental para a produção discursiva da direita extrema.

Como dito, o sucesso do pensamento de Olavo de Carvalho se explica multifatorialmente e parece tocar algumas bases materiais que fizeram esses imaginários ganharem força. A crise econômica mundial de 2008, o declínio dos governos petistas, uma sociedade desigual, uma população de base religiosa e conservadora, a ascensão de estratégias digitais na política que culminaram no sucesso da extrema direita internacionalmente.

Assim, as teorias da conspiração de Olavo e suas revisões históricas possuem origens bem delineadas e envolvem as vacinas, o meio ambiente, o formato do planeta, o nazismo como movimento de esquerda, o “globalismo marxista” e as origens maçônicas da mentalidade revolucionária desde o fim da Idade Média que visa destruir a tradição, as instituições da família e a liberdade individual. No Brasil, tal movimento estaria materializado pelo Foro de São Paulo, movimento que reunia lideranças latino-americanas de esquerda. Olavo de Carvalho parece reproduzir, como mencionado, uma vertente de pensamento que ganhou destaque nos EUA a partir do início do século passado, o “Tradicionalismo”, que nega qualquer tipo de relativismo, que estaria na história do pensamento desde o Nominalismo na Idade Média e perpassa até hoje, na pós-modernidade.

Benjamin Teitelbaum, autor do livro “Guerra pela eternidade (2020)”, em entrevista, resume o que seria o Tradicionalismo, movimento que inspira Olavo:

As características do Tradicionalismo que mais importam no meio político incluem, em primeiro lugar, a crença em um tempo cíclico e não linear; o que significa que, em vez de progredir a partir de um momento de corrupção para um futuro de glória, as sociedades estão quase sempre em um ciclo de declínio, que termina em um cataclisma para renascer na virtude, e, depois, o declínio inicia de novo, e assim vai. Em segundo lugar, estaria a crença de que sociedades virtuosas são formadas em torno de um sistema de castas hierárquico de base indo-europeia, com uma pequena elite de sacerdotes no topo de uma pirâmide abaixo do qual estão guerreiros, comerciantes e,

finalmente, uma base formada pela massa de escravos. (...) E, finalmente, a crença — às vezes chamada de "inversão" — de que quando os tempos estão ruins e a humanidade é nivelada em uma massa inferior durante o final de um ciclo do tempo, as coisas serão compreendidas de modo contrário ao que realmente são: o que pensamos ser bom é, na verdade, ruim; alguém que é oficialmente devoto ao campo espiritual é um escravo do materialismo; professores espalham ignorância em vez de conhecimento; jornalistas desinformam; artistas criam feiura etc. Tudo isso prepara o terreno para uma análise política que rejeita noções liberais fundamentais de progresso, condena o foco materialista (econômico) da maior parte da política moderna, rejeita especialidades formais e qualificações oficiais. Além disso, vê a destruição do sistema como algo necessário ao final de um ciclo de tempo, que tem, à frente, um momento de renascimento.⁵

Em seu livro, “Guerra pela eternidade”, o autor afirma que o Tradicionalismo aspira ser aquilo que a modernidade não é – verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em busca do progresso. Um populismo radical, nacionalista e anti-imigração. Tais características do movimento parecem descrever o *modus operandi* de Olavo de Carvalho, que ataca a imprensa, universidades, modernidade em nome de uma verdade oculta que só ele mesmo e seus seguidores seriam possuidores, buscando assim uma ocupação cultural e midiática do meio social.

Para Teitelbaum (2020), que divulga entrevista com Olavo em seu livro, o interesse deste pelo esotérico era visto como insulto, o que explicaria sua relutância em se dizer tradicionalista. Apesar disso, Olavo de Carvalho cita Guenón como uma influência de seu pensamento no que diz respeito à crítica pela ciência. Na entrevista, Olavo também critica o “materialismo” da sociedade brasileira, na qual os valores como patriotismo e espiritualidade estariam infectados por essa dimensão materialista. Mídia, educação e governo estariam corrompidos e divulgando ignorâncias, por apostarem cegamente na ciência moderna e, assim, não valorizarem os fundamentos espirituais.

De acordo com Horácio Neiva (2022), “o que fez a fama do guru de direita foi a combinação de autores desconhecidos, o sentimento de comunidade, o clima de seita e a ideia de que estávamos resistindo a alguma ameaça”.⁶ Ademais, Olavo sugeria que os professores universitários brasileiros são ignorantes e haveria uma conspiração para atingir o verdadeiro conhecimento.

⁵ Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/12/10/guerra-pela-eternidade-desvenda-base-ideologica-que-funda-nova-direita/>. Acesso em 05 nov. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/01/25/olavo-de-carvalho-nao-havia-nada-ali-aluno/>. Acesso em: 05 nov. 2025.

Não podemos negar certo mérito a Olavo de Carvalho. O professor se apropriou de bibliografia vasta em áreas como filosofia, psicologia, esoterismo, religiões etc. Mesmo que superficialmente, era capaz de produzir um *ethos* de “mestre” e sua habilidade retórica para criar seitas foi fundamental para espalhar seu pensamento em seus cursos online. Os livros que lançou tinham certa roupagem de originalidade.

No vídeo analisado (O BRASIL..., 2015), destacamos alguns pontos fundamentais em seu discurso que ilustram os imaginários que tentamos mapear com base em sua história e que são reproduzidos por meio de pílulas por seus alunos, políticos e influenciadores de direita e extrema direita no Brasil. O vídeo escolhido teve como critério de seleção, considerando o tamanho e propósito deste artigo, a sua repercussão no canal do YouTube de Olavo de Carvalho (número mais elevado de visualizações) quando se tratava de um formato mais professoral (mais de uma hora de vídeo).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica e chaves de leitura metodológicas, tomamos como base as noções de imaginários sociodiscursivos e algumas discussões contemporâneas sobre a extrema direita e seu caráter transgressivo.

O conceito de “imaginários sociodiscursivos” é abordado pelo linguista Charaudeau (2007) em diversos textos, dentre eles, no artigo *Les stéréotypes, c’est bien. Les imaginaires, c’est mieux*. É a partir dessa visão de imaginário do autor que lançaremos nosso olhar em complementariedade com os demais conceitos abordados sobre o *corpus* proposto, por se tratar, em nossa visão, de uma síntese original de autores como Castoriadis (2008) e Durand (2012).

Para Durand (2012), grande destaque histórico dos estudos dos imaginários, a imaginação constrói realidades, pois a potência criativa do imaginário, após passar pelos constrangimentos fisiológicos, em sua trajetória antropológica, se estabelece após transitar pelas representações sociais. Durand destaca o modo histórico como o pensamento sempre tratou o imaginário como fonte de erro. Para além do Estruturalismo, o autor foi fundamental nos estudos contemporâneos sobre a temática.

Castoriadis (2008), outra autoridade no assunto, afirma: “todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. Todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja seu objeto, é apenas um modo e uma forma do fazer social histórico” (p. 13).

Aqui, considerando essas conceituações gerais sobre os imaginários, tomamos por base a concepção da Teoria Semiolinguística influenciada por esses autores. Os imaginários sociodiscursivos são uma forma de apreensão do mundo. Tal apreensão ocorre por meio do processo de simbolização ocasionado pelas interações entre indivíduos em um dado ambiente social. Para Charaudeau (2007), as trocas simbólicas entre os sujeitos constroem uma memória social coletiva constantemente modificada por novas sínteses culturais, ocasionadas pelo processo infinito e dinâmico das representações e da semiose social. Conforme afirma o autor, o imaginário é um modo de apreensão do real, gestado a partir das representações sociais que constroem significações dos objetos e fenômenos do mundo, transformando a realidade em real significante. A partir de um processo de simbolização do mundo (afetivo e racional) a intersubjetividade das relações humanas é depositada em uma espécie de memória coletiva.

As significações dadas aos objetos e seres do mundo real seguem uma dupla ordem: afetiva e racional. Desse modo, da mesma maneira que as significações contribuem para tornar a realidade partilhável, por meio de universos simbólicos, criam e atualizam também valores sedimentados, que permitem a linguagem e a comunicação. Esse processo de construção de imaginários sociodiscursivos (mecanicamente engendrados com as representações), para o autor, se dá por meio dos saberes de conhecimento e de crença.

Os saberes de conhecimento propõem verdades lógicas e racionais dos objetos do real, analisando empírica e racionalmente números, hipóteses e fatos, por meio da experiência e da ciência para criar sustentáculos epistemológicos objetivos para suas explicações. A subdivisão dos saberes de conhecimento, de acordo com Charaudeau (2007), se dá pelos saberes científicos e pelos saberes experienciais. Os saberes científicos são estruturados por meio da lógica racional, e os saberes empíricos são balizados pela experiência prática dos indivíduos em suas vivências diárias.

Os saberes de crença se relacionam mais aos sentidos que criam juízos de valor a determinado objeto ou fenômeno do mundo. São divididos em dois blocos, assim como os saberes de conhecimento: os saberes de opinião e os saberes de revelação. Os saberes de opinião dizem respeito aos julgamentos pessoais de cada sujeito, não necessariamente fundamentados por bases científicas; já os saberes de revelação também são subjetivos, pois se fundamentam em pensamentos de doutrinação que também se relacionam com experiências de religiosidade. Esses dois tipos de saberes servirão, a seguir, como chaves de leitura fundamentais para nossas análises de imaginários.

Em síntese, os imaginários sociodiscursivos são construções coletivas de sentido, situadas na interdiscursividade, que organizam a percepção do real por meio de crenças, valores e saberes partilhados. Eles não são falsos ou verdadeiros, são propostas de visualização do real que influenciam o julgamento social e sua interpretação. Baseiam-se em representações sociais e são moldados pelo *pathos* (emoção), *ethos* (imagem) e *logos* (razão) no discurso e, por isso, são fluidos e dependem do contexto sociocultural e histórico, dando significados a acontecimentos. Sua divisão fundamental está nos saberes de conhecimento e nos saberes de crença.

No que diz respeito a noção de “transgressão”, um dos principais imaginários identificados no trabalho, em outro trabalho (ANGRISANO, 2023), debatemos Angela Nagle (2017) que discute na obra *kill all normies*, a transgressão como viés de atitude em discursos contemporâneos de direita. Retomamos a discussão aqui para avaliar nosso objeto. De acordo com a autora, a transgressão vem sendo uma qualidade dentro do liberalismo social ocidental desde os anos 60.

Apoiando-se em Kieran Cashell, Nagle (2017) afirma que a transgressão atingiu um nível estético tão alto que os críticos de arte contemporâneos possuem um dilema: devem apoiar a transgressão de forma incondicional ou a condená-la de modo a serem alvo constante de suspeita do conservadorismo crítico. Tratar-se-ia de endossar sem reflexão e sem crítica tudo aquilo que se relaciona ao inconformismo e é transgressivo. Uma estética irrefletida da contracultura.

Para a autora, o que ela chama de “transgressores online” seguiriam essa “tradição” que acompanharia os rastros que remetem a escritos do século XVIII do Marquês de Sade, atravessando a vanguarda parisiense do século XIX, os surrealistas, os anos 60, até chegar mais contemporaneamente ao cinema nos 'filmes de fúria masculina' dos anos 1990, como *American Psycho* e *Fight Club*.

[...] De Michel Foucault, em *História da Loucura*, a R. D. Laing, em *A Política da Experiência*, a loucura foi reiteradamente reinterpretada, nesse estilo transgressor, como uma forma de não conformidade. Para Marquês de Sade, para os surrealistas e, mais tarde, para a política cultural antirrepressiva dos anos 1960, mais estreitamente associada a R. D. Laing, a insanidade era concebida como uma fonte de criatividade, uma rejeição das normas dominantes e um ato político de rebelião. O surreal passou a ser entendido como uma expressão criativa pré-racional. O desprendimento das amarras do *id*, que caracterizou essa tradição contracultural transgressora, também marcou espaços como o *4chan* e sua cultura de *trolling* e de humor antinormativo, voltado à quebra de tabus e frequentemente descrito por observadores perplexos como insano ou

completamente desvairado. Essa concepção da psicopatia e da rejeição da moralidade imposta permeia o *ethos* e a estética da cultura de *trolling* de direita. (NAGLE, 2017, p. 31-32, tradução nossa)⁷.

O transgressor moral está enraizado na cultura do Romantismo como herói ou anti-herói. Nagle (2017) relembra:

O anti-herói de Fiódor Dostoiévski em Crime e Castigo, Raskólnikov, afirmou seu próprio direito de transcender a moralidade das massas inferiores ao assassinar uma velha considerada "sem valor". Ecoando nas culturas transgressoras contemporâneas de caráter antinormativo, como a do *4chan*, que mais tarde se fundiriam à *alt-right*, está o célebre aforismo do escritor francês Maurice Blanchot: "O maior sofrimento dos outros sempre conta menos do que o meu prazer." (p. 31, tradução nossa)⁸.

A própria expressão "um herói" tornou-se comum no vocabulário dos internautas de direita, como veremos nos exemplos que analisamos a seguir.

A nova direita que se tornou fortemente atuante pelos mecanismos online seria essa nova vertente "transgressiva". Nagle (2017) afirma que o conservadorismo é o "novo *punk*" por ser transgressivo, subversivo e divertido. O fato de a extrema direita utilizar estilos transgressivos demonstra, para a autora, o quão pode ter sido acidental historicamente e superficial o uso dessa estética pela esquerda durante tanto tempo. Principalmente, pelo fato do estilo transgressor da contracultura dos anos 60 ser tão criticado na época pela direita que odiava as guerras culturais de antes.

"*Trollar*" termo usual entre internautas e que remete a uma retórica agressiva é uma estilística discursiva que mescla o deboche com a agressividade. Um estilo da cultura direitista adolescente que evita o julgamento e a interpretação, a crítica e a elaboração argumentativa sofisticada, por meio de ironia e truques meta-textuais.

⁷ No original: "[...] To Michel Foucault's *Madness and Civilization* and R. D. Laing's *The Politics of Experience*, madness was consistently recast as nonconformity in this transgressive style. For de Sade, the Surrealists, and later for the 60s anti-repression cultural politics most closely associated with R. D. Laing, insanity was considered a creative source, a rejection of mainstream norms and a political act of rebellion. The surreal became a pre-rational creative expression. The throwing off of the id that characterized this transgressive countercultural traditional also characterized sites like 4chan, and its culture of trolling and taboo-breaking anti-moral humor, which is often described as insane or unhinged to baffled outsiders. This view of psychopathy and rejection of imposed morality runs through the ethos and aesthetic of the rightist trolling culture". (Nagle, 2017, p. 31-32)

⁸ No original: "Dostoyevsky's anti-hero in *Crime and Punishment*, Raskolnikov, asserted his own right to transcend the morality of the lesser masses when he killed a 'worthless' old woman. Echoed in the style of contemporary transgressive anti-moral cultures like 4chan that later fused with the alt-right, was French writer Maurice Blanchot's dictum that 'the greatest suffering of others always counts for less than my pleasure'". (p. 31).

A questão de nosso interesse é: essas características estão sendo reproduzidas como imaginário determinante? A revolta parece ser a norteadora das outras dimensões do discurso reacionário.

Análise do objeto e os imaginários identificados

Como mencionado, o vídeo escolhido no canal do YouTube de Olavo de Carvalho teve dois critérios: ter caráter de aula, ou seja, não ser um vídeo curto e ter em torno de uma hora; e ter forte apelo de visualizações. O vídeo é o que tem mais engajamento considerando esse critério: 1,7 milhão de visualizações. Vale destacar que o vídeo já possui mais de 10 anos desde a publicação, cenário em que Bolsonaro ainda não havia sido eleito.

O vídeo é intitulado “O Brasil perante a nova ordem mundial”⁹. O título já possui um caráter de impacto e convoca o espectador a tentar compreender esse suposto cenário. Olavo possui uma retórica relativamente articulada e procura encadear supostos fatos sempre apelando para uma moralidade e seus efeitos patêmicos. Vemos também a utilização de termos chulos e palavras de baixo calão como estratégia retórica que visa demonstrar transgressão e sua perspectiva antissistema.

A temática da extrema direita brasileira se tornou objeto de estudo acadêmico relevante nessa década. Destacamos alguns trabalhos e discussões (Kleina; Sampaio, 2020; 2021; Santos, 2021; Correia, 2023) que, junto a nossas intuições analíticas e nosso objeto, produziram alguns operadores analíticos que norteiam os imaginários desse grupo político.

Dentre os imaginários identificados quase que exclusivamente por saberes de crença, destacamos os quatro que nos parecem a síntese da intelectualidade da extrema direita:

- 1 – Transgressão e revolta – ódio (polarização – “nós contra eles”)
- 2 – Passado idealizado – tradição, religião e ordem como verdade (pânico moral)
- 3 – Conspirações e anticomunismo – medo do inimigo criminoso que se esconde
- 4 – Narrativas midiáticas são só narrativas – pós-verdade

Obviamente, essas quatro chaves de leitura não esgotam todos os possíveis imaginários da extrema direita representada aqui por Olavo de Carvalho, mas parecem ser algumas das principais variações discursivas constantes. No discurso analisado, observa-

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIQG02mwTD0>. Acesso em: 23 jul. 2026.

se a predominância de marcas típicas do saber de crença, tais como: generalizações totalizantes; apagamento de fontes; construção de evidência por convicção; ausência de modalização epistêmica. Esses elementos serão mobilizados ao longo da análise para demonstrar como os imaginários se sustentam discursivamente. Agora, vamos destacar os principais trechos do vídeo em que esses imaginários emergem.

Logo no início do vídeo (1m40s), Olavo questiona o Brasil perante o que chama de “nova ordem mundial” – alegando que haveria uma suposta aliança com a ONU, ou seja, respaldo internacional para a propagação de ideais econômicos no Brasil. Afirma que o problema do Brasil não é necessariamente a ex-presidente Dilma Rousseff e que o foco do problema é cultural e não somente econômico. Destaque para os imaginários 3 e 4. Nesse trecho, sua forte retórica anticomunista se evidencia, além de afirmar sem fundamentos a crença em teorias da conspiração, apontando inimigos internos (Dilma) e uma elite (ONU) como responsável por nossos problemas socioeconômicos. O problema cultural seria fundamentalmente propagado pelos *media*. Do ponto de vista enunciativo, esse trecho se constrói por meio de um regime de pressuposição, no qual a existência da “nova ordem mundial” não é argumentada, mas tomada como já dada. Trata-se de um mecanismo típico do saber de crença: o enunciador não demonstra, mas instala o referente como evidente. Além disso, há um processo de personalização do conflito, no qual entidades abstratas (“ONU”, “cultura”) são convertidas em agentes intencionais, favorecendo a construção de um inimigo identificável. Essa estratégia reforça o imaginário conspiratório ao atribuir causalidade simplificada a fenômenos complexos.

Aos 6m45s da aula, Carvalho afirma que a “mídia” desempenha um papel que outrora foi da Igreja, que a mente dos professores é formada somente pelo que seriam meros jornalistas. Nessa parte, ficam sublinhados os imaginários 2 e 4. A nostalgia por um passado medieval surge sutilmente em sua fala, um imaginário de pureza intelectual, em detrimento de um presente em decadência com formação inferior. Mais uma vez, sua fala não é sustentada por evidências argumentativas. Linguisticamente, essa ausência se manifesta pelo predomínio de asserções categóricas não modalizadas, que se apresentam como verdades autoevidentes. Não há marcas de dúvida, hipótese ou referência externa — o que caracteriza um apagamento do processo de validação típico dos saberes de conhecimento. Em seu lugar, emerge um saber de crença sustentado por um efeito de autoridade discursiva, no qual o enunciador se posiciona como aquele que revela uma verdade ocultada. A defesa da moralidade e costumes tradicionais, idealizada como ordem

social que nunca existiu, surge em seu discurso como imaginário de saber de crença sutilmente.

Aos 11 minutos, afirma que a intelectualidade foi cooptada pelos partidos de esquerda (todos no Brasil são de esquerda, para ele). Nesse caso, existiria uma mentalidade doutrinária. Ou na expressão estrangeira que ele se apropriou e popularizou: um “marxismo cultural”. Aqui, os imaginários 3 e 4 são os mais ressonantes. Sua insistência em formar identidades políticas fechadas e excludentes com grandes rótulos e um grande inimigo conspiratório (o “comunismo”, que para ele, é todo o sistema – facilitando a sua desqualificação da esquerda, já que todas as mazelas sociais do Brasil teriam sido causadas – da República Velha, às ditaduras, do PSDB ao PT – pela esquerda comunista brasileira). Esse movimento discursivo pode ser descrito como uma hipergeneralização ideológica, onde categorias políticas distintas são fundidas em um único significante (“comunismo”). Tal operação reduz a complexidade do campo político e permite a construção de um inimigo totalizante. Trata-se de um mecanismo central na produção de saberes de crença, pois elimina a necessidade de diferenciação analítica, substituindo-a por uma lógica de equivalência simplificada.

Assim, as mídias seriam reprodutoras dessa lógica com narrativas enviesadas. Entre os 15 e 35 minutos, Carvalho basicamente cita exemplos de influência externa ao Brasil, desconexos, hiperbólicos e anedóticos. Mais uma vez, imaginários 3 e 4.

Aos 37 e 38 minutos, Olavo cita figuras proeminentes da intelectualidade pública de esquerda, tais como Marilena Chauí, Frei Beto, Leonardo Boff, como exemplos de estilo retórico da intelectualidade ativista de esquerda – “saltos de raciocínio dando impressão de que há ligação”. Ou seja, Olavo acusa os outros de prática que parece repetir insistentemente em seu vídeo. Destaque mais uma vez para os imaginários 3 e 4 – conspiração comunista e narrativas midiáticas como história dominante.

Nesse ponto, a dimensão patêmica do discurso se intensifica de maneira evidente. O uso de termos como “imbecilidade” e “retardamento mental” não opera apenas como desqualificação argumentativa, mas como dispositivo de mobilização afetiva, visando produzir rejeição imediata ao outro. Trata-se de um recurso retórico que articula: deslegitimação moral do adversário; simplificação cognitiva (redução do outro a uma categoria inferior); engajamento emocional da audiência. Esse tipo de estratégia desloca o debate do plano argumentativo para o plano afetivo, favorecendo a adesão por identificação e não por demonstração – característica central dos saberes de crença.

Neste momento, ele também utiliza expressões lamentáveis como “imbecilidade” e “retardamento mental”, invocando o imaginário 1, a transgressão como estilo retórico, linguagem simples e direta que fomenta ódio e a lógica “nós contra eles”. Olavo utiliza ainda as noções de histeria e autopersuasão para acusar o seu “inimigo” – “eles sabem que é mentira, mas se convencem”. Mais uma vez, o autointitulado filósofo ataca no outro aquilo que ele parece reproduzir.

Aos 41 minutos, Carvalho critica o fato de a “ideologia burguesa”, de acordo com os intelectuais de esquerda, ser supostamente passada para as massas por “telepatia”, já que quem mandaria nos jornais seriam os “comunistas”. O que ele tenta induzir sua audiência é que todo mundo é comunista, assim, todos são inimigos mentirosos, inclusive o que chamam de burguesia. Os imaginários 3 e 4, mais uma vez, se sobressaem em seu discurso: conspiração comunista e narrativa midiática tendenciosa.

Olavo menciona o mesmo a respeito das universidades. Para ele, as universidades são contraditórias, e existiria um “fingimento histórico” no qual as teorias se descolam daquilo que ocorre na realidade. De acordo com o “professor”, não haveria explicação para o governo ter 1% de aprovação e continuar no poder, não seria uma vontade genuína do povo. O imaginário 4 – das narrativas midiáticas – fica evidente. Nesse caso, narrativas reproduzidas também nas universidades, como uma “ideologia comunista” que garantiria a manutenção do governo da época.

Aos 46 minutos de sua aula, finalmente Carvalho menciona o “Foro de São Paulo”, a grande conspiração articulada que construiria todo esse cenário “comunista” de marxismo cultural espalhado pelos *media* e outras instituições. A ciência política séria sabe que nem toda a esquerda política é comunista, porém ele insiste no estereótipo. Mantém o tom agressivo chamando o economista Marco Antonio Vila de analfabeto e o presidente Lula de psicopata histórico. Nesse momento, observa-se também um efeito performativo do discurso, no qual a enunciação não apenas descreve um cenário, mas busca produzir uma disposição de ação na audiência. A combinação entre nomeação do inimigo, intensificação emocional e linguagem agressiva constrói um cenário de urgência, típico do pânico moral. Esse regime discursivo tende a suprimir mediações racionais, favorecendo respostas imediatas e polarizadas. Aqui, provavelmente ele passa pelos quatro imaginários citados. 1 – ódio e transgressão no discurso (a rebeldia do homem comum, que Carvalho parece evocar de figura que cita constantemente em outros discursos, o filósofo Ortega y Gasset); 2 – pânico moral, explorando medo e insegurança; 3 – inimigo conspiratório; e 4 – narrativas midiáticas tendenciosas.

Finalmente, aos 50 minutos, Olavo afirma que a ignorância fingida da esquerda se torna real, citando também um livro revisionista sobre comunismo e a suposta morte de mais de 100 milhões de pessoas. A hipérbole parece ser a principal tática retórica do “professor”. O inimigo do imaginário 3 e o pânico moral do imaginário 2, mais uma vez aparecendo em seu discurso.

Com 1 hora de vídeo, faz algumas simplificações históricas sobre grupos no Brasil, o tenentismo, os militares, era Lula e volta a afirmar que 97% do povo quer mudança radical (imaginários 1 e 3).

No decorrer do vídeo, continua com suas “revisões históricas” para confirmar sua visão de negação da realidade por parte da intelectualidade esquerdista. Faz um salto argumentativo, afirmando que o Islã coordena tudo, do ocultismo ao orientalismo, o que explicaria o radicalismo islâmico e as mentalidades revolucionárias. Esse “salto” pode ser compreendido como uma associação analógica não demonstrada, em que elementos heterogêneos são conectados sem mediação argumentativa. Esse tipo de encadeamento é característico de discursos baseados em crença, pois opera por contiguidade imaginária e não por causalidade verificável. Os imaginários 2 e 3 são os principais aqui. Olavo parece sugerir que tradições religiosas não cristãs fazem parte do seu grande inimigo conspiratório, implicando a necessidade do retorno triunfal da tradição, da religião cristã e da ordem como fundamentos de verdade. A tradição seria superior a qualquer perspectiva revolucionária. Mais do que um conservadorismo, conservar o que já existe, melhor seria o reacionarismo do retorno a um passado glorioso.

Em 1h10m, Carvalho afirma que a militância de esquerda não é idealista, citando Zé Dirceu, com quem conviveu e afirma que ele (Zé Dirceu) “não se preocupa com um cachorro”, uso de expressão que visa descredibilizar o sujeito, focando somente sua identidade pessoal na identidade grupal, e o coloca como mais um fingidor histérico. Destaque para o imaginário 3: o inimigo conspirador e estereotipado como moralmente corrupto.

Em 1h16m, fala de instalação de um governo provisório que o povo deve excluir todos do Foro de SP. A potência de sua fala antissistema de rebeldia contra os inimigos que seriam o sistema confirma os imaginários 1 e 3.

Mantendo a linha conservadora, ele elogia o exército, com alguma ressalva, e diz que a proclamação da república foi um erro. Além disso, afirma que 80% da população brasileira é cristã católica conservadora e não tem partido. O imaginário 2 vem à tona mais uma vez, destacando a importância de valores tradicionais. Quase na conclusão da aula,

Olavo reitera que o foco das pessoas deve ser na ordem mundial, na pressão internacional. Começa a ficar claro que o imaginário 3, que foca na conspiração e no inimigo comunista, parece ser a principal linha argumentativa de Carvalho e de boa parte de seus seguidores.

Finalmente, em 1h20m, já em suas conclusões, Olavo propõe uma investigação das grandes religiões, seitas, famílias dinásticas – investigando como o enquadramento brasileiro teria chegado para “onde chegou”. Para o “professor”, sua audiência deve vencer o “fingimento histórico” das universidades e das mídias e ter senso de realidade. Nesse trecho, o uso de certos qualificadores performáticos e patêmicos tem a intencionalidade de desmoralizar universidades e meios de comunicação. Por fim, afirma ser a favor da doutrina da Igreja, como algo bom. E que só a sociedade pode parar o “comunismo”, articulando discursivamente e performativamente, a importância de sua audiência. Essa conclusão passa pelos imaginários 1, 2, 3 e 4.

Em síntese, o discurso analisado se estrutura predominantemente por meio de saberes de crença, sustentados por mecanismos discursivos como pressuposição, generalização, apagamento de fontes e construção de inimigos totalizantes. A dimensão patêmica desempenha papel central nesse processo, ao mobilizar afetos como medo, indignação e ressentimento, deslocando a adesão do plano racional para o plano emocional. Dessa forma, os quatro imaginários identificados não operam isoladamente, mas de maneira articulada, compondo um regime discursivo que privilegia a evidência subjetiva, a polarização e a simplificação da realidade social.

Comentários conclusivos

Observamos nos discursos analisados os seguintes imaginários: Transgressão e revolta – antissistema reacionário; Tradição e religião como fundamento (pânico moral); Conspiração do Inimigo criminoso; “Discurso midiático” é só mais uma narrativa. Dessa maneira, como ficou evidente, a dimensão patêmica discursiva é privilegiada em detrimento do *logos*; saberes de crença prevalecem diante dos saberes de conhecimento. O maniqueísmo e o discurso transgressivo que deve vencer o “inimigo” são a regra. Um discurso povoado por saberes de crença parece exclusivamente idealizado e bem longe da concretude da sociedade. Olavo de Carvalho acusa seus adversários políticos de negarem a realidade, mas é justamente aquilo que ele mesmo faz. Não atua com argumentos tangenciados por imaginários de saberes de conhecimento.

Apesar da restrição de tamanho do *corpus* e da breve análise, a retórica da negação de certos aspectos da realidade, a acusação de seus adversários fazerem aquilo que ele

mesmo comete e as crenças acima da razão, parece, em alguma medida, configurar o mapa de imaginários da nova extrema direita brasileira que teve como principal expoente Olavo de Carvalho.

Dessa maneira, acreditamos que os imaginários descritos se confirmam como eixos nos quais orbitam os discursos de Olavo de Carvalho e são reproduzidos pelos apoiadores da extrema direita brasileira. Esperamos que novas pesquisas profícuas sejam desenvolvidas a partir desse mapeamento.

REFERÊNCIAS

ANGRISANO, Rafael. **Transgressão e preconceito como nova estética da direita brasileira: o caso Olavo de Carvalho**. Culturas Midiáticas, João Pessoa, v. 19, 2023.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (ed.). **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>. Acesso em: 23 jul. 2026.

BRITTO, Marcos Corrêa de. **Brasil Paralelo e a construção do imaginário da extrema direita brasileira**. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Santos: Martins Fontes, 2012.

KALIL, Isabela. [Entrevista concedida a] Amanda Audi. **Agência Pública**, [S. l.], 2 set. 2025. Disponível em: <https://apublica.org/2025/09/bolsonaro-ainda-e-insubstituivel-diz-antropologa-isabela-kalil/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

KLEINA, Nilton Cesar Monastier; SAMPAIO, Rafael Cardoso. De quem é a culpa? Argumentos e estratégias retóricas iniciais de youtubers da Nova Direita sobre o coronavírus. **Dispositiva**, v. 9, n. 16, p. 27–49, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/24023>. Acesso em: 23 jul. 2026.

KLEINA, N.; CARDOSO SAMPAIO, R. “Não sou eu quem está falando”: a retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 175–200, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27707. Acesso em: 23 jul. 2026.

MACHADO, Gustavo. Quem foi Olavo de Carvalho e as raízes de sua influência. **PSTU**, [S. l.], 30 jan. 2022. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/quem-foi-olavo-de-carvalho-e-as-raizes-de-sua-influencia/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MONTEIRO, Delcio. **Os demônios que vêm do norte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1987.

NAGLE, Angela. **Kill all normies**: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. Winchester/Washington: Zero Books, 2017.

NEIVA, Horacio. ‘Não havia nada ali’: o que aprendi como aluno de Olavo de Carvalho. **Intercept Brasil**, [S. l.], 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/01/25/olavo-de-carvalho-nao-havia-nada-ali-aluno/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

O BRASIL perante a nova ordem mundial. [S. l.]: **YouTube**, 15 nov. 2015. 1 vídeo (1h31min24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIQG02mwTD0>. Acesso em: 23 jul. 2026.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”**: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SEDGWICK, Mark. **Contra o mundo moderno**: o Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Editora Âyiné, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin. “Guerra pela Eternidade” desvenda a base ideológica que funda a nova direita. [Entrevista concedida à] Editora da Unicamp. **Jornal da Unicamp**, [S. l.], 10 dez. 2020. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/12/10/guerra-pela-eternidade-desvenda-base-ideologica-que-funda-nova-direita/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. M. Angrisano

Coleta de dados: R. M. Angrisano

Análise de dados: R. M. Angrisano

Discussão dos resultados: R. M. Angrisano

Revisão e aprovação: R. M. Angrisano

ORIGEM DA PESQUISA

O artigo é resultado de estágio de pós-doutorado em Comunicação Social na PUC-Minas.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à UFMG por lhe conceder a licença para realização do estágio de pós-doutorado e à PUC-Minas por acolhê-lo como pesquisador e professor estagiário.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Todo o conteúdo argumentativo foi desenvolvido integralmente pelo autor.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

Os dados parciais foram publicados no próprio artigo. Parte do conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está incluído no corpo do artigo.

LICENÇA DE USO

A autoria cede à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Dairan Paul
Rogério Christofolletti

HISTÓRICO

Recebido em: 06-02-2026

Aprovado em: 30-03-2026

Publicado em: 31-07-2026